

**GT de Sociolinguística e ensino:  
o cenário de 35 anos de conquistas e desafios**

***Sociolinguistics WG and teaching:  
the scenario of 35 years of achievements and challenges***

Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo  
Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Joyce Elaine de Almeida Baronas  
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil

Silvia Rodrigues Vieira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Este artigo apresenta a trajetória percorrida pelo Grupo de Trabalho de Sociolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) no que se refere ao eixo hoje intitulado *Sociolinguística e ensino*. As contribuições da equipe foram organizadas em três áreas: (i) a construção de um cenário, com uma retomada histórica de eventos e publicações ao longo da atuação do GT; (ii) o destaque às conquistas, relacionadas especialmente aos fundamentos da Sociolinguística Educacional e ao desenvolvimento de uma Pedagogia da variação linguística; e (iii) o elenco dos desafios enfrentados por diversos projetos de pesquisa. Os resultados atingidos evidenciam a produtividade dos estudos sociolinguísticos no sentido de contribuir para o tratamento da diversidade linguística na área educacional, aproximando os saberes produzidos no ambiente universitário e no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Ensino; Pedagogia da Variação Linguística; Panorama histórico

**Abstract:** This paper shows the tradition of the Working Group of Sociolinguistics within the scope of ANPOLL (*Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*) with regard to the axis *Sociolinguistics and teaching*. The researchers' contributions embody three areas: (i) the construction of a scenario, with a historical survey of events and publications throughout its lifetime; (ii) the highlighting of achievements concerning especially advances related to the foundations of Educational Sociolinguistics as well as the development of a Pedagogy of Linguistic Variation; and (iii) challenges faced to by several research projects. The achieved results trace the contributions of Sociolinguistics to the treatment of



linguistic diversity in the educational area, bringing together the knowledge produced in the university environment and in the school context.

**Keywords:** Sociolinguistics; Education; Pedagogy of Linguistic Variation; Historical Survey

## 1 Introdução

Em um cenário de 35 anos de reflexões, conquistas e desafios, a história do Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística, como bem testemunham seus fundadores, Jürgen Heye (PUC-RJ), Sebastião Votre (UFRJ), Paulino Vandresen (UFSC), confunde-se com a própria história da ANPOLL. Nesse cenário, a preocupação com a temática do presente texto – a da relação entre variação linguística e ensino – também perpassa, em variadas medidas, diversos *cenários* de *conquistas e desafios* ao longo do referido período. Embora mereçam destaque iniciativas específicas voltadas ao que hoje intitulamos, dentre quatro frentes de trabalho do GT, *Eixo 3: Sociolinguística e ensino*, pode-se afirmar que, durante todo o percurso, a preocupação com questões didático-pedagógicas relacionadas à variação foi objeto de trabalho das equipes e atravessou gerações. Na realidade, essa preocupação tem-se constituído como uma característica que, ultrapassando o campo meramente científico da Sociolinguística, remete à responsabilidade social dos pesquisadores, sempre dedicados à causa de fazer da sala de aula um espaço de respeito à exuberância da variação linguística na imensidão do território brasileiro – não só no âmbito interno à Língua Portuguesa, mas também no das diversas línguas que compuseram e compõem a sócio-história do Português do Brasil.

Nesse sentido, objetiva-se registrar, neste artigo, algumas contribuições do GT nesses 35 anos de existência – em meio a tantas outras que não caberiam nos limites de um texto –, contribuições que podem ser sintetizadas nos seguintes pontos:

- (i) um *cenário* em relevo – seção em que se evidenciam, em uma breve retomada histórica, alguns eventos e publicações que marcaram as ações do Grupo e de seus membros na área do ensino de Língua Portuguesa, línguas estrangeiras e demais disciplinas do currículo ao longo do tempo (Seção 2);

- (ii) consolidação de *conquistas*, instância em que se revela o inovadorismo especial de membros do GT no sentido de delimitar a área inicialmente proposta por Bortoni-Ricardo (2005) como *Sociolinguística Educacional* ou na abordagem desenvolvida por Faraco (2008) como *Pedagogia da variação Linguística* (Seção 3); e
- (iii) *desafios* que permanecem e se distribuem, em termos concretos, em três frentes de trabalho do Eixo *Sociolinguística e ensino*, sistematizadas por Vieira (2020), as quais, em alguma medida, refletem as ações de alguns projetos de pesquisa de membros atuais do GT, segundo levantamento feito por Joyce Baronas, por ocasião do último encontro no Rio de Janeiro, em 2019, ora ampliado (Seção 4).

## **2 35 anos de variação e ensino: breve *cenário***

Como bem descrevem três textos que cumpriram o objetivo de registrar a memória do GT em determinadas porções de sua existência (BRANDÃO, 1995; VANDRESEN, 2003; SAVEDRA, 2010), remonta ainda à primeira década dos estudos no âmbito do GT o primeiro evento, organizado por Suzana Cardoso, com a temática específica da abordagem da variação no contexto educacional. Intitulado *Seminário Nacional sobre Diversidade Linguística e Ensino da Língua Materna*, o evento, “embora constituísse um desdobramento das atividades do grupo de Sociolinguística, foi aberto a todos os interessados no tema, discutido em diversas conferências, mesas redondas e comunicações” (BRANDÃO, 1995, p. 100). Resultou do evento na UFBA, segundo relata Savedra (2010, p. 226), a primeira publicação do GT voltada à relação entre variação e ensino, intitulada *A diversidade linguística e o ensino de língua materna*, em 1996. No IX Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em Caxambu (MG) em 1994, uma das mesas-redondas do evento, que contou com a participação de Suzana Cardoso, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Marta Scherre e Paulino Vandresen, tratou especificamente do subtema “Estratégias para interface com a escola”.

Dando continuidade às reflexões, realiza-se, no ano de 1995, na UFRJ, o *Simpósio nacional sobre pesquisa e ensino de língua: contribuições da Sociolinguística*, evento que contou com a contribuição do GT de Linguística Aplicada e discutiu os seguintes

temas: “pesquisa e ensino: modelos de análise em debate; pesquisa e política de ensino; pesquisa e ensino: a diversidade linguística brasileira” (SAVEDRA, 2010, p. 227). Outra publicação marcou, então, as contribuições do Grupo na esfera da relação variação e ensino, obra que foi organizada por Brandão e Oliveira (1996) e intitulada *Pesquisa e ensino de línguas: contribuições da Sociolinguística*.

Embora nas etapas imediatamente posteriores a essas iniciativas tenham sido privilegiadas as subáreas da Dialetologia, Sociolinguística Variacionista e Multilinguismo, o GT não tardou em reafirmar, formalmente, o que nunca se interrompera na prática, a vertente dos estudos voltados ao ensino, sobretudo a partir do ano de 2006. Evidência dessa continuidade na abordagem do tema foi a publicação de uma obra em homenagem a Paulino Vandresen, um dos membros fundadores do grupo. Organizada por Gorski e Coelho (2006), a obra *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*, que conta com a participação de diversos pesquisadores, confirma os avanços do GT na área.

Após as atividades relatadas nesses cerca de vinte primeiros anos de existência do GT, a preocupação com o ensino certamente se intensificou, de modo a se identificar como um dos quatro eixos de organização interna das pesquisas, criados e consolidados, respectivamente, nos encontros de 2011 e 2012. No eixo *Sociolinguística e ensino*, as muitas investigações que buscam articular os achados da Teoria da variação e mudança ao contexto escolar buscam cumprir o desafio de, a um só tempo, abordar a complexidade da variação e lidar com os limites da padronização linguística, sobretudo em função do maciço e amplo processo de urbanização no país. Frente à impossibilidade de registrar, nos limites do presente texto, os incontáveis trabalhos no território nacional, podem-se destacar, aqui, duas obras que contam com diversos integrantes do GT de Sociolinguística: uma desenvolvida no âmbito de um evento promovido pelo GELNE, mas com a organização dos então coordenadores do GT, *Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa* (MARTINS; TAVARES, 2013), e outra especificamente organizada pelo GT, *Sociolinguística e ensino de Português* (MARTINS, VIEIRA; TAVARES, 2014).

Tendo sido formalizado o Eixo *Sociolinguística e ensino* a partir de muitas e diversas contribuições de tantos membros, ao longo de suas fases, foi no Encontro do GT de Sociolinguística da ANPOLL realizado em Porto Alegre em 2015 que se programou,

conforme o relato de Vieira (2020), um conjunto de ações que estão sendo perseguidas pela equipe:

(i) mapear os grupos de pesquisa e autores que articulem variação e ensino; (ii) sistematizar o comportamento de regras variáveis em função dos contínuos fala-escrita e monitoração estilística; (iii) investigar o problema da avaliação laboviana para prover informações científicas acerca das variantes prestigiosas para a configuração do que se concebe como norma de referência (norma-padrão); e (iv) desenvolver e divulgar propostas metodológicas para o ensino de questões que relacionem variação e ensino (VIEIRA, 2020, p. 157-158).

O levantamento de atividades ao longo desses 35 anos do GT de Sociolinguística ora brevemente apresentado – embora não exaustivo – é suficiente para evidenciar o compromisso constante e crescente com a associação entre pesquisa e extensão acadêmica, no caso voltada à prática pedagógica. Resulta desse processo e é digna de nota a formulação de propostas que sistematizaram, na realidade, uma subárea dos estudos sociolinguísticos, proposta por membros do GT de Sociolinguística, conforme se demonstra na seção a seguir.

### **3 Da Sociolinguística educacional: inovações e conquistas**

Em meio aos diversos eventos e publicações decorrentes de estudos e reflexões acerca do tema variação e ensino, há que se destacar as contribuições do GT no sentido de delimitar e estabelecer princípios teórico-metodológicos que permitiram configurar o que se pode considerar uma subárea dos estudos variacionistas, a chamada *Sociolinguística Educacional*, cuja especificidade está na abordagem do ensino relacionado ao campo da variação e da(s) norma(s) linguística(s), de modo a desenvolver estratégias para uma *Pedagogia da variação linguística*. Nesse sentido, é imprescindível dar relevo às contribuições de alguns pesquisadores da área, com destaque aos trabalhos de Stella Maris Bortoni Ricardo e Carlos Alberto Faraco.

Além de ser a responsável por nomear a referida área como *Sociolinguística Educacional*, Bortoni-Ricardo (2005) – que também formulou (cf. BORTONI-RICARDO, 2005, 2014, 2021) quatro importantes contínuos de variação (ruralidade-urbanidade; monitoração estilística; oralidade-letramento e acesso à Internet) para dar conta da complexidade das variedades do Português do Brasil – delimitou inicialmente o

trabalho, propondo recomendações fundamentais ao tratamento pedagógico da diversidade linguística no país.

A esse respeito, é importante recordar que, conforme propõe a referida autora, as origens da disciplina Sociolinguística são essencialmente educacionais. Segundo Labov (1972b), crianças que formam grupos de rua, entre nove e dezoito anos em Nova Iorque, usam consistentemente uma variedade vernacular aprendida nas relações com os pares naquele ambiente. Esse uso atinge seu pico entre os quinze e os dezesseis anos. À medida que os jovens se afastam dos grupos de parceiros na rua, adquirem mais habilidade e competência no processo de alternar entre seu estilo vernacular, usado para falar com seus companheiros, e a variedade exigida em estilos mais formais, quando esse uso é necessário. Ao adquirir mais maturidade e ingressar no sistema de produção, têm mais oportunidades de fazer uso de um estilo mais formal.

Labov (1972b) demonstra que tal processo ocorre tanto com a variedade crioula do Inglês havaiano quanto com a variedade do chamado vernáculo negro. Segundo o autor, o estágio de uso intensivo do vernáculo nos anos de pré-adolescência situa-se entre os cinco e doze anos de idade, período no qual a influência do grupo de amigos se sobrepõe à influência dos pais. É ainda Labov que mostra as alterações na competência comunicativa dos jovens a partir dessa fase em estágios diversos, conforme se pode recuperar aqui: (i) estágio da gramática básica adquirida sob a influência linguística dos pais; (ii) estágio na pré-adolescência já referido; (iii) estágio em que se torna mais evidente a percepção do prestígio da variedade culta em contraste com o dialeto social; (iv) estágio da variação linguística quando o indivíduo se torna capaz de modificar sua fala em direção ao padrão em situações formais; (v) estágio do padrão consistente mantido por períodos mais longos; e (vi) estágio da completa consistência em amplitude de estilos em várias ocasiões (cf. LABOV, 1974).

É possível que esse fenômeno de adaptação da fala nos referidos estágios ocorra em qualquer língua com semelhantes condições sociais. Desse modo, os professores e a escola em geral têm de ser informados sobre esses fatos, para que o falante do vernáculo, que usa, por vezes, variantes sem prestígio social, não venha a ser discriminado, como geralmente ocorre. E, principalmente, para que a metodologia do ensino da leitura e da escrita leve em conta esses mesmos fatos.

Bortoni-Ricardo listou (BORTONI-RICARDO, 2014; BORTONI-RICARDO *et al.*, 2014), então, alguns princípios/recomendações para o trato da variação linguística em sala de aula, conforme se resume a seguir:

- (i) Os estilos monitorados da língua devem ser reservados à realização de eventos formais de letramento em sala de aula. Nesse mesmo ambiente, eventos de oralidade podem ser conduzidos em estilos mais casuais;
- (ii) No âmbito da Sociolinguística Educacional, a descrição da variação linguística não deve ser dissociada da análise etnográfica de sala de aula. Tal análise permite avaliar o significado que a variação assume para os atores naquele domínio e, particularmente, a postura do professor diante das referidas regras;
- (iii) A transição entre estilos informais e estilos formais não é aleatória, pois a variação estilística que essa mudança implica reflete desigualdades sociais. É importante que o professor e os alunos tenham consciência dessas desigualdades, pois essa consciência vai empoderá-los. Vai, ainda, favorecer um ensino mais eficiente e solidário de uma norma padrão que leve em conta a realidade linguística;
- (iv) O emprego da linguagem própria dos grupos de rua, ou de áreas vicinais, com predominância de falantes analfabetos, já referido, vai variar em função das redes sociais dos jovens. Aqueles cujos contatos são feitos exclusivamente com companheiros de lazer nas vias públicas serão usuários mais consistentes desses modos de falar do que aqueles que recrutam seus amigos também em outros ambientes, como a escola, a igreja. Há que se fazer uma diferença entre membros do núcleo central dos grupos de rua e membros periféricos (cf. BORTONI-RICARDO, 2011; LABOV, 1972b);
- (v) As crianças em idade escolar têm de tornar-se competentes na variedade erigida como adequada para uso principalmente na língua escrita, embora haja também situações de oralidade que possam exigir o uso dessa variedade;

- (vi) O emprego da variedade tomada como padrão tem de ser espontâneo, ditado pela própria situação de fala e será guiado por dois princípios propostos por Michael Stubbs (1986). Primeiro: os alunos precisam saber que serão socialmente penalizados se não usarem o referido padrão quando tal é exigido situacionalmente. Segundo: embora não haja consenso entre os pesquisadores sobre quando essa mudança de estilo deve ser iniciada, é certo que ela terá de coincidir com a aquisição da língua escrita (cf. MOLLICA, 2000; NARO; SCHERRE, 2007).

Com base nos avanços da Sociolinguística brasileira – introduzida no país na segunda metade do século XX – e em sua contribuição para o conhecimento da complexidade de variedades, modalidades e registros no Português do Brasil, estudos como os de Bortoni-Ricardo (2011) permitiram sintetizar as bases para a introdução na escola de alguns princípios básicos dessa área de estudos, que podem ser assim resumidos:

- (i) Qualquer enunciado linguístico tem que ser adequado ao contexto em que é produzido, considerando-se o local, o tema da conversa e principalmente as expectativas do interlocutor. É sempre bom lembrar que o interlocutor é contexto para o falante;
- (ii) Há diferenças intrínsecas entre as modalidades oral e escrita da língua no que concerne à formalidade, respeitados os contínuos de variação;
- (iii) O conceito de aceitabilidade, conforme o proposto por Goodenough (1957) e avançado pela Etnografia da Comunicação, deve presidir ao trato com a variação linguística na escola;
- (iv) A gramática normativa herdada de Portugal e descrita nos compêndios escolares tem de ser revisada à luz da realidade sociolinguística dos alunos e suas famílias;
- (v) O que a sociedade considera “erros de português” é visto pela Sociolinguística simplesmente como diferenças entre variedades de uma língua.

Frente ao desafio de oferecer à sociedade resultados científicos que permitam atenuar o costumeiro conflito entre o valor social atribuído às variantes linguísticas e os usos que efetivamente se realizam nas diversas variedades do Português, uma extensa produção bibliográfica foi desenvolvida por pesquisadores brasileiros. Em função do mapeamento de resultados sobre processos de variação e mudança – evidente, por exemplo, na obra do GT *Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro* (MARTINS; ABRAÇADO, 2015) – e da avançada reflexão acerca do impacto desses processos no ambiente escolar, Faraco – em meio a diversas publicações referentes ao tema da norma, sua polissemia e constituição histórica – desenvolve as bases elementares para o que intitulou uma *Pedagogia da variação linguística* (FARACO, 2008; 2015; 2020; FARACO; ZILLES, 2017).

Embora inicialmente tenha posto em debate a real necessidade do estabelecimento de uma norma-padrão brasileira – concebida, então, como “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008, p. 75) –, o autor, ao longo da evolução de seu pensamento científico, formulou pressupostos fundamentais à prática pedagógica no que diz respeito a orientações de natureza normativa. Para tanto, considerou como ponto de partida a costumeiramente chamada norma culta, que corresponde, na realidade, ao “conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (p. 73).

Tendo constatado que, “infelizmente, o que tem predominado e que tem servido de referência no nosso sistema escolar (...) é uma norma estreita” (FARACO, 2015, p. 24), a que ele chama de “norma curta” (FARACO, 2008, p. 91), o autor passou a defender a construção de guias normativos que possam servir de referência a escritores, professores e alunos, segundo alguns princípios fundamentais:

- (a) o reconhecimento da necessidade de que os instrumentos normativos reflitam a norma efetivamente praticada [...];
- (b) o reconhecimento do fato de que não existe “a” norma culta – assim no singular. Não há – como pressupõe a concepção normativa estreita – uma norma culta única, uniforme e homogênea. As variedades cultas são diversificadas e heterogêneas. [...];
- (c) o reconhecimento de que essa variabilidade da expressão culta está em parte expressa nas divergências e até contradições entre o que dizem os gramáticos que escrevem as gramáticas normativas. E os casos de divergência se

multiplicam se incluímos na nossa análise os grandes dicionários da língua (FARACO, 2015, p. 28-29).

Com base nesses princípios, investigações que objetivem descrever o comportamento das regras variáveis não só no âmbito da fala vernacular, mas também no das expressões da modalidade escrita têm sido motivadas como uma das ações contemporâneas no Eixo *Sociolinguística e ensino*. A esse respeito, Faraco (2020) faz um convite aos linguistas “para que partam para a renovação conceitual e descritiva da norma dita culta” e destaca a relevância da descrição de fenômenos morfossintáticos em uma diversidade de gêneros textuais dispostos em um contínuo composto fala-escrita e de monitoração estilística, conforme a experiência da pesquisa desenvolvida por Silvia Rodrigues Vieira e estudantes (VIEIRA; LIMA, 2019). Segundo o autor:

Trata-se de uma proposta que nos dá balizas bem concretas e fundamentadas para desencadearmos um debate – primeiro entre nós e, depois, entre nós e a sociedade.

Além disso, a proposta nos dá parâmetros para a construção de um guia normativo que acolha e legitime o português brasileiro culto com base não numa perspectiva de padronização estrita, homogênea e uniforme, mas na perspectiva de um padrão flexível que abranja os usos variáveis relacionados aos diferentes gêneros textuais da fala e da escrita (FARACO, 2020, p. 10).

Confirma-se, assim, que a sistematização de resultados relativos ao contínuo de gêneros textuais produzidos na chamada norma culta (na realidade, nas variedades cultas) constitui necessária evidência empírica para o desenvolvimento de uma pedagogia da variação linguística.

Frente aos inúmeros desafios no campo da Sociolinguística Educacional, importa verificar, ainda, o conjunto de pesquisas contemporâneas que buscam atentar às duas faces do tratamento dessa variação no ambiente escolar: a da descrição dos usos e a da avaliação social das variantes.

#### **4 De pesquisas e propostas em curso: expectativas e desafios**

Além dos estudos já citados, importa apresentar, ainda, o cumprimento de uma das ações decididas em conjunto no GT de Sociolinguística, qual seja a de construir, paulatinamente, o mapeamento dos grupos de pesquisa que articulam variação e ensino no país, considerando a esfera do chamado Eixo *Sociolinguística e ensino*. O presente

levantamento – sem dúvida ainda parcial – considerou principalmente os projetos de membros do GT que participaram de debates nos encontros do Grupo em que se consolidaram as metas atuais do eixo.<sup>1</sup>

As outras ações propostas coletivamente para essa subárea – (i) realizar a sistematização de regras variáveis nos contínuos de fala-escrita e monitoração estilística, (ii) investigar, consoante o problema da avaliação laboviano, crenças e atitudes em relação às variantes linguísticas e ao ideário de norma-padrão, e (iii) desenvolver metodologias de ensino para a abordagem das diversas normas do Brasil – encontram-se, ao menos em parte, em fase de execução no conjunto desses projetos ora levantados.

De modo geral, as pesquisas relacionadas à *Sociolinguística Educacional* caminham, de fato, em busca de uma produtiva *Pedagogia da variação*. Dessa forma, supõe-se que já se tenha ultrapassado, no campo científico, o perfil de propostas de aulas isoladas e teóricas sobre a variação linguística ou, ainda, de apresentação dos tipos de variação aliada a exemplos descontextualizados – atividades que acabam por caracterizar a variação com um fenômeno incomum e muitas vezes caricato de fala. Assim, as propostas buscam inserir a variação na matriz social, como propõe Bortoni-Ricardo (2005, p. 131), visto que a diversidade linguística se correlaciona a diferentes fatores em comunidades variadas. Nesse sentido, a desigualdade social constitui, no Brasil, ao que tudo indica, o maior fator da desigualdade linguística. Essa particularidade resulta em diferentes posicionamentos em sala de aula, a depender do reconhecimento que se tenha desse fator social, pois, como no Brasil nem sempre se assume efetivamente a diversidade linguística, a escola não se sente responsável pelo combate ao conflito linguístico.

Caberia à escola promover ao aluno o acesso a todos os bens culturais, inclusive o linguístico. Para Bortoni-Ricardo, “professores sensíveis às diferenças sociolinguísticas e culturais desenvolvem intuitivamente estratégias interacionais em sala de aula que são altamente positivas” (2005, p. 132). Lúcia Cyranka – pesquisadora que desenvolveu diversos projetos no âmbito da Sociolinguística Educacional – defende que uma pedagogia da variação linguística deve possibilitar que o aluno seja capaz de “compreender a língua como um fenômeno heterogêneo, sujeito à variação e à mudança, posicionar-se positivamente em relação ao dialeto de seu grupo social, e dispor-se a

---

<sup>1</sup> Além desses projetos, complementou-se o elenco dos pesquisadores a partir da observação do *curriculum Lattes* e de consultas pessoais aos membros do GT elencados em lista apresentada no site da ANPOLL.

investir nas práticas de letramento que os levam a dominar também a variedade culta da língua” (CYRANKA, 2014, p. 134).

Pesquisadores brasileiros envolvidos com o tema da variação e ensino desenvolvem investigações buscando um tratamento mais adequado da diversidade da língua no país, seja no plano da descrição dos usos, seja no plano da avaliação das variantes, seja, ainda mais raramente, no desenvolvimento de metodologias para o trabalho pedagógico com as regras variáveis. Apresentam-se, a seguir, algumas dessas pesquisas.

No âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maria Cecília Mollica apresenta longa trajetória de pesquisa referente à interface variação e ensino, o que pode ser observado em sua vasta produção bibliográfica. Os resultados dessa trajetória são evidentes na orientação a trabalhos na área da (Socio-)linguística educacional, não só no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), mas também no Programa de Linguística da UFRJ, orientações que abrangem diversos temas relevantes à área sociolinguística, dentre os quais se destacam variação e segmentação na escrita, consciência fonológica, variação e modalidades falada e escrita.

Silvia Vieira coordena dois projetos relacionados a ensino de Língua Portuguesa também no âmbito da UFRJ. O primeiro, “Ensino de gramática em três eixos: diagnose e experiências pedagógicas”, considera “fenômenos linguísticos como (i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto; e (iii) instâncias de manifestação de normas/variedades”. No que se refere especificamente ao tratamento das normas/variedades, desenvolve o projeto “Contínuos de/em variedades do Português: análises contrastivas”, no âmbito do qual aborda não só o estudo de variedades do Português, mas também a complexidade inerente a cada variedade, em função da modalidade discursiva (contínuo fala-escrita) e do registro (sobretudo no plano da monitoração estilística). Como desdobramento do segundo projeto, a professora iniciou o subprojeto intitulado “Do continuum fala-escrita para a norma-padrão: limites e possibilidades”, que se propõe a descrever o comportamento da escrita em diversos gêneros textuais jornalísticos e acadêmicos, de modo a construir bases

empiricamente fundamentadas para uma norma de referência que acomode flexibilidade e pluralidade<sup>2</sup>.

Ricardo Joseh Lima e equipe, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além de orientações diversas no campo da Sociolinguística Variacionista, coordena o projeto de extensão "Redes Linguísticas: Divulgando a sociolinguística na Web", que tem por objetivo fazer circular, de modo informal, informações científicas diversas. Lima também coordena o projeto de iniciação científica "www.pelofimdopreconceitolinguístico.com: Linguística, Divulgação Científica e TICs", que trabalha com ferramentas computacionais para análises linguísticas segundo uma ótica sociolinguística.<sup>3</sup>

Angela Bravin dos Santos, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), coordena o projeto "Mediações didáticas para o ensino de Português como língua materna e língua estrangeira" no âmbito do PROFLETRAS, com o objetivo principal de investigar recursos advindos de materiais físicos, como livros e revistas, e digitais, e desenvolver estratégias didáticas para a área de Português como língua materna, nos diferentes níveis de escolaridade, e como língua estrangeira nos níveis básico e avançado.

Gilson Freire, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pertence ao grupo de pesquisa Elmep (Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Português) e atua no PROFLETRAS na mesma instituição, com orientações sobre o ensino de aspectos morfossintáticos do Português sob a perspectiva das contribuições dos estudos variacionistas.

Marco Antonio Martins coordena o projeto interinstitucional – Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal da Fronteira Sul, Universidade Tecnológica do Paraná (Curitiba) e UNIPAMPA – intitulado "Ensino de gramática na escola: do conhecimento linguístico à consciência linguística". A equipe objetiva investigar de que forma o conhecimento gramatical, especialmente do sistema pronominal e dos padrões de concordância nominal e verbal, é

---

<sup>2</sup> Com base nessas experiências, a professora e uma equipe composta de professores e pós-graduandos de variadas universidades brasileiras iniciaram recente projeto coletivo, com a consultoria do Professor Carlos Alberto Faraco, ampliando a proposta para o desenvolvimento de uma norma de referência plural.

<sup>3</sup> Conferir, por exemplo, o aplicativo *LING – Isso não é uma gramática* (gratuito e facilmente acessível para download em aparelhos celulares), com material de divulgação de resultados sociolinguísticos referentes a diversas regras variáveis para o conhecimento do público não especializado.

adquirido por crianças, e de que modo a escola desenvolve este conhecimento, na Educação Básica.

Carla Regina Valle, além de integrar a equipe do Projeto mencionado no parágrafo anterior, coordena, no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o “Laboratório de estudos de variação linguística e práticas pedagógicas” (LabVar) – que conta com uma equipe de pesquisadores da mesma universidade (Edair Görski, Izete Coelho, Isabel Monguilhott, Marco Antonio Martins, Valter Romano, Cristine Severo), além de outros, como Cláudia Brescancini (PUCRS). O LabVar visa a desenvolver ações que – envolvendo o tripé ensino-pesquisa-extensão – busquem estabelecer conexão entre as discussões atuais da Sociolinguística Variacionista, incluindo aspectos estilísticos e identitários, e o Ensino Básico, de modo a ecoar na formação de professores.

Talita de Cássia Marine, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordena o projeto “Sociolinguística e letramento científico: contribuições ao ensino de Língua Portuguesa na educação básica”. Em sua pesquisa, há duas frentes de trabalho distintas, porém complementares: (i) Letramento científico do professor, em sua formação inicial e continuada, com vistas a habilitá-lo a desenvolver um ensino sociolinguístico na Educação Básica que colabore para a formação de alunos-pesquisadores da própria língua; e (ii) Ensino significativo de língua portuguesa na Educação Básica, sensível à heterogeneidade linguística e que possa contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa por meio da formação do aluno-pesquisador da própria língua, colaborando, também, com o letramento científico desse aluno.

Juliana Barbosa, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), coordena projetos que contemplam, em alguma medida, a abordagem pedagógica do comportamento de fenômenos variáveis: (i) “Como ensinar gramática no ensino fundamental I e II na contemporaneidade?”, nos quais objetiva identificar como está o ensino de gramática em materiais didáticos e quais seriam as estratégias a serem adotadas para um melhor desenvolvimento de conhecimentos linguísticos; (ii) “O ensino de Língua Portuguesa e a relação oralidade e variação linguística”, em que busca descrever as motivações para os desvios de ortografia presentes em produções textuais escritas por alunos de diferentes séries da Educação Básica; e (iii) “Ensino de Língua Portuguesa em escolas de Uberaba e região: crenças, atitudes linguísticas e propostas didáticas”, no qual objetiva investigar a avaliação de alunos e professores de escolas da Educação Básica de

Uberaba e região, e elaborar, a partir dos resultados, materiais didáticos e cursos de formação continuada para professores da Educação Básica.

Clézio Roberto Gonçalves, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), coordena o projeto “Crenças e atitudes linguísticas de professores e alunos da superintendência regional de ensino de Ouro Preto (MG)”. A investigação cumpre o relevante propósito de investigar a avaliação linguística por parte de professores e de alunos do Ensino Fundamental das cidades que fazem parte da Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto (MG), a saber: Acaiaca, Diogo de Vasconcelos, Itabirito, Mariana e Ouro Preto (MG).

Joyce Elaine Baronas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), coordena o projeto “VALEN – Variação linguística na escola: Normas”, com uma equipe composta de pesquisadores da mesma universidade – Fabiane Cristina Altino, Rebeca Louzada Macedo, Sandro Bochenek e Wellem Aparecida de Freitas Semczuk, além de Flávio Brandão Silva, da Universidade Estadual de Maringá, junto a outros docentes e alunos de graduação e de pós-graduação, com a intenção de evidenciar as diferenças entre as normas do Brasil em fontes orais e escritas e, assim, sugerir novas propostas para o ensino da Língua Portuguesa. São também objetivos do projeto: (i) refletir sobre o distanciamento entre as diferentes normas do Brasil; (ii) tratar do prestígio atribuído à norma idealizada pela sociedade; e (iii) compreender os mecanismos que buscam legitimar o poder atribuído às normas de prestígio. Assim, os participantes do projeto buscam a conscientização da comunidade escolar (envolvendo professores e alunos) no que diz respeito às variadas normas existentes no Brasil.

Como se pode observar, o conjunto de projetos em curso – e outros tantos não contemplados nos referidos encontros do GT e nos materiais que deram base a este levantamento – permite aprofundar a reflexão sobre a abordagem pedagógica da diversidade linguística em que não caiba qualquer caracterização superficial da variação, nem que a deslegitime ou a configure de maneira estereotipada, como algo exótico, o que, de certa forma, pode acabar, em efeito reverso, aumentando o estigma atribuído a determinadas variedades. Considerando um dos objetivos da área de Língua Portuguesa, propostos em documentos oficiais, o de promover as “normas urbanas de prestígio”, entende-se ser necessário avançar sempre mais nas investigações que efetivamente se ocupem da interface Sociolinguística e Educação. De todo modo, entende-se que os

resultados de que se dispõe já permitem não só a sistematização de resultados, mas também a elaboração de princípios teórico-metodológicos que fundamentem orientações normativas escolares (FARACO, 2020; VIEIRA; 2019, 2020; VIEIRA, LIMA, 2019) sensíveis à complexidade e à exuberância da diversidade linguística brasileira.

## 5 Considerações finais

Com base na relação entre *Sociolinguística e ensino*, patente em toda a trajetória do GT nesses 35 anos de existência, conforme se evidenciou no *cenário* proposto no presente artigo, espera-se que esteja suficientemente demonstrada a importância das investigações, no sentido não só do que já foi consolidado como *conquistas* – sobretudo na formulação de princípios da *Sociolinguística Educacional* e da *Pedagogia da variação Linguística* –, mas também dos *desafios* assumidos como objeto dos diversos projetos empreendidos pelos pesquisadores.

Os projetos elencados – embora não deem conta de todas as ações do GT aplicáveis direta ou indiretamente ao ensino – constituem uma consolidação do que propõem equipes que atendem aos desafios estabelecidos em conjunto no âmbito do Eixo *Sociolinguística e ensino*. No conjunto das propostas citadas, entende-se que os objetivos das investigações vão ao encontro das metas idealizadas pela *Sociolinguística Educacional* na busca de uma *Pedagogia da Variação*, de modo a prover resultados que permitam auxiliar o professor no tratamento da diversidade linguística e da chamada norma-padrão. Consta em geral, nesses projetos, efetiva contribuição no sentido de compreender as diferentes realidades e de aproximar os saberes produzidos no ambiente acadêmico e no escolar.

Sem dúvida, somando-se as descobertas referentes à descrição dos usos linguísticos (e ao estágio de variação e mudança de cada regra variável), ao conhecimento da avaliação desses usos (e a natureza de cada variante – se indicador, marcador, estereótipo, conforme Labov, 1972a) e, ainda, ao desenvolvimento de metodologias para a abordagem pedagógica de fenômenos variáveis, os desafios do Eixo *Sociolinguística e Ensino* continuam evidentes.

Qualquer que seja a direção dos próximos passos da equipe, o que se mantém estável é o compromisso social que fortemente embalou e embala os estudos do GT de

Sociolinguística, compromisso que faz esse grupo atentar, desde os primeiros passos de sua formação, para a articulação ensino-pesquisa-extensão, tripé fundamental à vocação acadêmica e universitária. Sigamos juntos.

## **Contribuição**

**Stella Maris Bortoni de F. Ricardo:** Conceptualização; Investigação; Escrita - Rascunho Original; Escrita - Análise e Edição; **Joyce Elaine de Almeida Baronas:** Conceptualização; Investigação; Escrita - Rascunho Original; Escrita - Análise e Edição; **Silvia Rodrigues Vieira:** Conceptualização; Investigação; Escrita - Rascunho Original; Escrita - Análise e Edição.

## **Referências**

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Português brasileiro, a língua que falamos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

BORTONI-RICARDO, S. M. et al. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRANDÃO, S. F. GT de Sociolinguística. **Revista da ANPOLL**, v. 1, p. 95-102, 1995.

BRANDÃO, S. F.; OLIVEIRA, M. T. I. (Orgs.). **Pesquisa e ensino da língua:** contribuições da Sociolinguística. Rio de Janeiro: Timing Editora: UFRJ, 1996.

CYRANKA, L. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. *In:* MARTINS, M.; VIEIRA, S.R; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014. p. 133-156.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. *In*: ZILLES; A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FARACO, C. A. **Por que precisamos de (novas) gramáticas normativas?** Página do grupo de pesquisa “HGEL – Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (UFPB/CNPq). Postado em 13/05/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/HGEL-HistoriografiaGramática-e-Ensino-de-Línguas-103863294664882>. Acesso em 29 set. 2020.

FARACO, C. A.; ZILLES; A. M. S. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

GOODENOUGH, W. H. Cultural Anthropology and Linguistics. *In*: GARVIN, P. (Ed.) **Report of the Seventh Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Study**, Washington DC: Georgetown University Press, 1957. p. 167-173.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, W. **Language in the inner city**. Pennsylvania: The University of Pennsylvania Press, 1972b.

LABOV, W. Estágios da Aquisição do Inglês Standard. *In*: FONSECA, M. S. V. NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Trad. de Luiza Leite Bruna Lobo. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 49-85.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa**. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, v. V. Natal: EDUFRN, 2013.

MARTINS, M.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SAVEDRA, M. M. G. Estudos e pesquisas em Sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 29, p. 219-234, 2010.

STUBBS, M. **Educational Linguistics**. New York: Basil Blackwell, 1986.

VANDRESEN, P. A trajetória do GT de Sociolinguística da ANPOLL 1985 - 2001. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 13-29.

VIEIRA, S. R. Para uma norma-padrão flexível no contexto escolar. *In*: MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. (Orgs.). **Dimensões e pesquisas sociolinguísticas**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 243-264.

VIEIRA, S. R. Variação linguística integrada ao ensino de gramática: experiências pedagógicas. *In*: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. de O. (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil: textos selecionados**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2020. p. 155-176.

VIEIRA, S. R.; LIMA, M. D. A. de O. (Orgs.). **Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão**. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019.

ZILLES; A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015.

Recebido em: 10 de dezembro de 2020

Aceito em: 31 de maio de 2021

Publicado em setembro de 2021

---

Stella Maris Bortoni de F. Ricardo  
E-mail: stellamb@terra.com.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9891-2504>

Joyce Elaine de Almeida Baronas  
E-mail: joycealmeidabaronas@uol.com.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7866-5166>

Silvia Rodrigues Vieira  
E-mail: silviavieira@letras.ufrj.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3068-4322>

---